

Entrevista

Maurício Cordeiro⁽¹⁾

Como você viu os primeiros passos da implantação do Currículo Nuclear na faculdade?

Primeiramente, tanto da parte dos alunos como dos professores, criou-se uma grande expectativa. Conversei com alguns professores e notei um certo receio por parte de alguns, que diziam que nós primeiramente devíamos nos tornar médicos generalistas e depois dedicarmos nosso tempo para a pesquisa. Da parte dos alunos surgiu aquele sentimento de incerteza, pois não sabíamos ao certo como seria o novo currículo, se seríamos prejudicados ou não e isso gerou muita ansiedade.

No entanto, havia muitos comentários de alunos dos anos mais velhos que nos falavam que o nosso currículo seria bem melhor, mas havia também outros que o criticavam. Na verdade ninguém sabia ao certo como se daria essa experiência.

Você se sentiu prejudicado em fazer parte da primeira turma no qual o método estava sendo implantado?

Houve muito medo da nossa parte em relação a isso no início do curso. Afinal, foram retiradas 30% das nossas horas de aula. Pensávamos que se no final houvesse um insucesso nós seríamos muito prejudicados. E, além disso, os professores das disciplinas básicas reclamavam muito da falta de tempo de que eles dispunham para ministrar todo o conteúdo. Por outro lado, nossos veteranos diziam que essas matérias básicas iriam refletir muito pouco na nossa formação final, e que nós poderíamos ficar tranquilos. Mas ainda persistiam muitas dúvidas sobre o currículo. Nós não sabíamos, por exemplo, se no internato haveria alguma diminuição da carga horária, se haveria implantação de matérias optativas no internato, isso nos deixava preocupados e nos sentíamos meio perdidos.

Os veteranos puderam ajudar em algum ponto, apesar de eles não terem passado pela mesma experiência que a sua turma?

Nós conversávamos com alguns e ficávamos mais

tranquilos. Eu via algumas pessoas mais velhas se sacrificando muito para cumprir atividades extracurriculares na hora do almoço ou à noite, enquanto nós tínhamos um espaço reservado em nossa grade para aquelas atividades. Por outro lado, havia outros que criticavam bastante o novo currículo, o que refletia novamente a incerteza de todos em relação ao resultado dessa mudança.

Na abordagem da relação médico paciente, você acha que o Currículo Nuclear representou algum avanço?

Os períodos livres do Currículo Nuclear poderiam ser utilizados para os alunos participarem das ligas. Hoje eu vejo que as pessoas que aproveitaram as diversas ligas dentro da faculdade do primeiro ao quarto ano, adquiriram uma experiência muito grande em pontos importantes da medicina como conversar com o paciente de forma adequada, ouvi-lo melhor e, além disso, pôde aprender a lidar com a dinâmica burocrática dentro do hospital.

Na sua opinião, houve diferença entre a bagagem de informações acumulada durante o curso pela sua turma em relação à turma do Currículo Tradicional?

No Curso Básico, a impressão que eu tive foi que não houve diferença em relação ao nosso aprendizado e o aprendizado da turma anterior. No entanto, isso não pode ser constatado com toda certeza, pois eu vejo agora que as Disciplinas Básicas realmente influenciam muito pouco na formação final do médico. Com relação ao Curso Clínico, eu penso que também não houve diferença, uma vez que as matérias foram muito bem ministradas e os professores conseguiram lidar bem com a diminuição de 30% na carga horária, resumindo o conteúdo, transmitindo-nos o que era mais relevante na matéria, não havendo déficit de aprendizado, na minha opinião.

Falando sobre o internato, você vê alguma diferença em termos de aprendizado no novo currículo?

Como na minha turma o internato seguiu o mesmo modelo

⁽¹⁾ Aluno da turma de implantação do Currículo Nuclear. Acadêmico do sexto ano da Faculdade de Medicina da USP.

do da turma anterior, acabou havendo uma equivalência no aprendizado desse período. E eu penso que nós chegamos ao internato com um nível de conhecimento também equivalente ao da turma anterior, apesar desse nível de conhecimento variar bastante entre os alunos. Mas se levássemos em consideração a média de conhecimento das turmas, eu penso que não haveria diferença.

Vocês foram orientados adequadamente quanto à utilização do período das optativas?

Aqui há um ponto importante, pois, apesar do nosso currículo oferecer 30% da carga horária para atividades extracurriculares, a minha turma não teve a orientação necessária para que pudéssemos aproveitar adequadamente esse tempo com iniciações científicas, por exemplo, e eu ainda via a maioria dos meus colegas muito perdidos. Eu, particularmente, não entendia muito bem a utilidade desse período de matérias optativas, pois meu objetivo primordial era me tornar um médico generalista e muitas das matérias optativas oferecidas não eram do meu interesse e quando

a matéria era interessante não oferecia um número de vagas suficiente.

Quais são os pontos do Currículo Nuclear que necessitam um aperfeiçoamento, na sua opinião?

Eu penso que seria necessária uma redução da carga horária do Curso Básico, devido à pouca influência que essas matérias terão na formação final do médico, e utilizar esse tempo para aumentar o período do internato em seis meses ou em até um ano pois é nesse período que se dá a maior parte do aprendizado dentro da faculdade. Com certeza o grande ponto fraco do nosso currículo é o Curso Básico.

Quais os principais aspectos positivos do Currículo Nuclear na sua opinião?

Talvez o ponto positivo seja o aproveitamento de 30% da grade horária para a publicação de trabalhos e desenvolvimento de pesquisas. No entanto, na minha turma, devido à pouca orientação, foram raras as pessoas que aproveitaram adequadamente esse tempo.